A geopoética na literatura gaúcha: uma leitura da paisagem nos romances *Ana Terra* e *Ana Sem Terra*

Gustavo Menegusso*
Nelci Müller*

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar como o conceito geográfico de paisagem inscreve-se nos romances *Ana Terra* (1971), de Erico Verissimo, e *Ana Sem Terra* (1990), de Alcy Cheuiche. Tem-se como foco observar como se dá a representação paisagística desses escritores gaúchos, dentro do contexto da geopoética. Para o embasamento dessa proposta, busca-se respaldo em obras de autores como Milton Santos e Regina Zilberman. Por fim, conclui-se que os diferentes tipos de paisagens, as naturais e culturais, estão presentes nos romances e são carregados de significados portadores de indícios culturais de um determinado povo ou região.

Palavras-chave: Paisagem. Geopoética. *Ana Terra*. *Ana Sem Terra*.

* Mestrando em Literatura Comparada pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI. Bolsista PROSUP/CAPES. E-mail: gmenegusso@yahoo.com.br.
** Doutora em Letras. Professora dos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Regional Integrada (URI), campus de Santo Ângelo e Frederico Westphalen. E-mail: nelcim@urisan.tche.br

R. Língua & Literatura	Frederico Westphalen	v. 13	n. 20	p. 109-123	Ago. 2011. Recebido em: 01 jun. 2011 Aprovado em: 29 ago. 2011

Introdução

Com o advento da geopoética, os olhares sobre as obras literárias, sejam elas romances, contos ou poemas, vêm sendo modificados. A inserção da geografia no meio literário acarreta transformações, principalmente, no domínio da estética e da identidade cultural. Nos últimos anos, têm se acentuado os estudos sobre a importância do espaço na narrativa, e um objeto geográfico vem conquistando a atenção de pesquisadores de diferentes áreas: a paisagem.

Nesse sentido, pretende-se nesse trabalho investigar a relação entre literatura e geografia, e em que medida o conceito de paisagem insere-se no espaço literário. Tomando como objetos de estudo os romances histórico-ficcionais *Ana Terra*, de Erico Verissimo, e *Ana Sem Terra*, de Alcy Cheuiche, o presente artigo propõe-se a analisar os tipos de paisagens construídos nessas obras e os significados que elas representam.

O artigo está dividido em três partes. A primeira, intitulada "Paisagem e espaço: do contexto geográfico à geopoética", estabelece as relações e diferenças entre o espaço geográfico e a paisagem e como estes se inserem no contexto da geopoética. Alem disso, é oferecida uma classificação de paisagens: naturais e culturais, que servirá de base para a análise das obras em questão. A segunda parte apresenta um breve levantamento acerca das representações da paisagem na literatura gaúcha, observando períodos representativos e principais autores em que a paisagem esteve presente. Por fim, apresenta-se uma análise detalhada das diferentes paisagens encontradas nas obras *Ana Terra* e *Ana Sem Terra*.

Paisagem e espaço: do contexto geográfico à geopoética

A paisagem que nos cerca, assim como o espaço onde vivemos, com certeza, não passam despercebidas aos nossos olhares. Na maioria das vezes, esta paisagem sempre nos deixa uma primeira impressão, que acaba ficando. Dificilmente ousamos ir além do visual para contemplarmos os verdadeiros significados que se escondem por trás de sua aparência. Nesse sentido o geógrafo Milton Santos explica que:

> A paisagem, certo, não é muda, mas a percepção que temos dela está longe de abarcar o objeto em sua realidade profunda. Não temos direito senão a uma aparência. [...] o objeto possui duas faces: a verdadeira, que não se entrega diretamente ao observador, e a face visível, amoldada pela ideologia. (SANTOS, 1997, p. 23).

Dessa forma, podemos entender a paisagem como uma construção social, que vai muito além da superficialidade da percepção visual. Carregada de significados, ela é o resultado de um contexto onde estão inseridas as relações entre o homem, a sociedade e a natureza (SANTOS, 1999).

Dentro do contexto geográfico, a paisagem também já passou por inúmeros olhares. Considerada, inicialmente, um conceito-chave para a Geografia, enquanto afirmação da disciplina, com o passar dos anos, a sua importância foi variada. Outros conceitos como região, espaço, território e lugar "foram considerados mais adequados às necessidades contemporâneas" (CORRÊA, ROSENDAHL, 1998, p. 7 apud CASTRO, 2007, p. 2).

Todavia, a paisagem continua até hoje sendo objeto de estudo não somente de geógrafos, como também de arquitetos e historiadores. Para Santos (1999), o importante é saber usar corretamente o seu conceito. O autor, em seu livro *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção,* considera uma necessidade epistemológica a distinção entre paisagem e espaço. Nessa perspectiva, afirma que "paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima" (1999, p. 83).

Assim, a paisagem é considerada uma parte do espaço, e é por ela estar inserida nesse contexto, ou seja, no espaço, que podem-se reconhecer os significados das "formas-objetos" que a compõe. "Considerada em si mesma, a paisagem é apenas uma abstração, apesar de sua concretude como coisa material. Sua realidade é histórica e lhe advém de sua associação com o espaço social" (SANTOS, 1999, p. 87).

Dione Dutra Lihtnov (2010) também acentua, como Santos (1999), a historicidade da paisagem. Contudo Lihtnov acrescenta:

> A paisagem é humana, histórica e social, sendo produzida pelo homem a partir da transformação do espaço. Entretanto, ela não pode ser entendida apenas como resultado da história, ela cria, reproduz a própria história. Ela é uma fotografia real e preservada do tempo que já passou, anos de trabalho, dia após dia, acumulado e materializado ao alcance de nossos olhos, necessitando apenas um olhar atento (LIHTNOV et al., 2010, p. 9).

Uma vez que o homem é agente da transformação do espaço, não existe apenas um tipo de paisagem. Aquelas que sofrerem a ação humana serão, por sua vez, paisagens modificadas (POZZO, VIDAL, 2010, p. 117). A partir da ação humana sobre o espaço, as paisagens podem ser classificadas[1] em dois tipos:

a) naturais: são aquelas paisagens de ordem natural, ou seja, que ainda não sofreram a ação do homem;

b) culturais: são aquelas paisagens de ordem humana, isto é, que tiveram a interferência do homem sobre o meio. Também podem ser chamadas de paisagens humanas ou sociais.

Compreendidos os conceitos de paisagem e espaço a partir da geografia, podemos agora inseri-los no contexto da geopoética. Mas, antes, cabe conceitur geopoética. Nas palavras de Ronaldes de Melo e Souza (2003, p. 1), autor da tese que originou o livro *A geopoética de Euclides da Cunha*, a geopoética é "a poética da terra".

É nesse contexto da poética da terra que a literatura e a geografia se inter-relacionam e a paisagem, bem como o espaço, ganham as páginas de romances, contos e poesias. No meio literário, as representações paisagísticas não deixam também de ser "impregnadas de significados e sentidos que fazem parte da vida de um povo, em determinada época, numa região" (MASCHIO, 2008, p. 8). Assim, o escritor, ao utilizar-se do recurso da paisagem, não busca apenas ilustrar o cenário da sua história, mas representar a identidade de uma região, um povo ou uma determinada cultura.

A classificação sobre os tipos de paisagens geográficas embasará a análise, na terceira parte deste ensaio. A seguir, apresenta-se uma contextualização da paisagem na representação literária gaúcha.

[1] Classificação oferecida pelo geógrafo alemão Carl Troll (1950) apud Mônica Bahia Schlee et al. (2009, p. 233).

A paisagem na representação literária gaúcha

A representação da paisagem, através do viés literário, já esteve presente em diversas obras de grandes escritores do cenário nacional, como Gonçalves Dias em *A Canção do Exílio* (1843), José de Alencar, *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865), Euclides da Cunha, *Os Sertões* (1902) e Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas* (1956), apenas para citar alguns exemplos.

Alcione Moraes Jacques Maschio (2008) em sua dissertação *A Paisagem em Darcy Azambuja: outras dimensões*, apresenta de forma detalhada um estudo sobre a representação paisagística na literatura brasileira desde o período colonial até o modernismo. Segundo o autor:

> as representações paisagísticas do período colonial, embora não possam ser consideradas dentro do sistema literário, vão iniciar o que mais tarde tornar-se-á veneração aos elementos da natureza e a valorização do pitoresco, alimentando o nativismo e a descrição da realidade na maior parte das obras na literatura brasileira. (MASCHIO, 2008, p. 8).

Na perspectiva apresentada por Maschio, o colonialismo foi o precursor da contemplação das paisagens nos primeiros escritos do Brasil. Apesar de não serem reconhecidos como literários, esses textos, entre os quais estão os relatos de viajantes e *A Carta*, de Pero Vaz de Caminha, serviram de incentivo aos demais autores de nossa literatura.

Assim como na literatura nacional, a representação paisagística também é perceptível na literatura gaúcha, ou sul-rio-grandense, como também é conhecida. Suas primeiras manifestações deram-se ainda no século XIX com os escritores e intelectuais que faziam parte da então chamada Sociedade *Partenon Literário*.[2] Destacam-se, nesse período, Caldre e Fião, Apolinário Porto Alegre,

[2] Fundada em 1868, por um grupo de intelectuais porto-alegrenses, a sociedade Partenon Literário tinha como objetivos incentivar manifestações artísticas, defender a história e a linguagem regional e valorizar o folclore gaúcho. Além disso, suas atividades, que duraram cerca de 10 anos, estenderam-se a outros setores, manifestando preocupações com temáticas sociais, entre elas, a abolição da escravatura e o preconceito contra a mulher.

Bernardo Taveira Júnior, Múcio Teixeira, Hilário Ribeiro, Luciana de Abreu e Lobo da Costa.

De acordo com Regina Zilberman (1980, p. 15-16), no *Partenon Literário,* "juntamente com a utilização do campeiro como pretexto poético, dá-se a introdução de assuntos regionais na literatura: os hábitos rurais, a paisagem do Sul e as peculiaridades linguísticas". A poesia rio-grandense começa a particularizar-se, pois, como prossegue ainda a autora, os textos passam a ser "inundados" por esses motivos. São exemplos as poesias *Canto do Campeiro* (1869), de Apolinário Porto Alegre, e *Flores do Pampa* (1872) de Múcio Teixeira.

Na prosa, igualmente não faltou espaço para as representações das paisagens campeiras, principalmente durante o Regionalismo. Os motivos citados por Zilberman (1980) que, anteriormente, tinham "invadido" a poesia gauchesca, agora também são perceptíveis em contos e romances regionalistas. A figura do "homem da Campanha", o pampa, o gaúcho, a estância e o cavalo são alguns dos outros elementos que passam a incorporar a narrativa. Como explica a autora, "a personagem da narrativa regional confunde-se com o homem da Campanha. O privilégio atribuído a um certo tipo está de antemão associado à valorização de um espaço: o pampa" (ZILBERMAN, 1980, p. 36).

No exemplo abaixo, retirado do conto *Trezentas Onças*, de João Simões Lopes Neto, podemos perceber alguns desses "motivos" que a escritora se refere:

> - Eu tropeava, nesse tempo. Duma feita que viajava de escoteiro, com a guaiaca empanzinada de onças de ouro, vim varar aqui neste mesmo passo, por me ficar mais perto da estância da Coronilha, onde devia pousar.
> Parece que foi ontem!... Era por fevereiro; eu vinha abombado da troteada.
> - Olhe, ali, na restinga, à sombra daquela mesma reboleira de mato, que está nos vendo, na beira do passo, desencilhei; e estendido nos pelegos, a cabeça no lombilho, com o chapéu sobre os olhos, fiz uma sesteada morruda [...] (LOPES NETO, 1981, p. 5).

João Simões Lopes Neto é um dos principais escritores regionalistas da literatura sulina. Em seus contos, como nesse

exemplo acima, são perceptíveis as representações literárias de inúmeras paisagens do cenário gaúcho, principalmente a dos Pampas e da Campanha. Lopes Neto idealiza uma figura mítica do gaúcho, típico dessas regiões, apresentando sempre suas características tradicionais, como indumentária, linguagem, costumes, entre outras.

Além de Lopes Neto, vários outros escritores também apreciam a questão da paisagem em seus textos. O modernista Darcy Azambuja escreveu a obra *No Galpão* (1925), uma coletânea de contos em que "a atenção concedida à paisagem sobrepõe-se aos tipos humanos presentes" (MASCHIO, 2008, p. 36).

Erico Verissimo, por sua vez, não deixa de contemplar a paisagem do Rio Grande do Sul em meio aos acontecimentos históricos presentes em seus diversos romances ficcionais. Na saga *O Tempo e o Vento* (1949-1962), o autor "afasta-se do cenário urbano, voltando-se às raízes da prosa gaúcha: a paisagem rural. É no interior do Estado que cria seu universo imaginário, a cidade de Santa Fé, cujo crescimento e expansão acompanha através das sucessivas gerações da família Terra Cambará" (ZILBERMAN, 1980, p. 85). Na obra de Verissimo, as paisagens servem de pano de fundo para ilustrar o cenário das guerras missioneiras, da Revolução Farroupilha, Guerra com o Paraguai, das Revoluções de 1893 e 1930, e das administrações de Julio de Castilhos, Borges de Medeiros e Getúlio Vargas. A história de formação da nação rio-grandense é marcada por esses conflitos decisivos que são vistos pelo autor sempre a partir do reflexo de suas personagens, ou seja, na família dos Terra Cambará (ZILBERMAN, 1980, p. 85).

Em *Ana Terra*[3] (1971), podemos perceber algumas dessas paisagens que ilustram o cenário das guerras missioneiras:

> Ana Terra sacudiu a cabeça lentamente, mas sem compreender. Para que tanto campo? Para que tanta guerra? Os homens se matavam e os campos ficavam desertos. Os meninos cresciam, faziam-se homens e iam para outras guerras. Os estancieiros aumentavam suas estâncias. As mulheres continuavam esperando. Os soldados morriam

[3] O livro *Ana Terra* foi publicado em 1971. É um capítulo de *O Continente 1*, primeira parte da coletânea *O Tempo e o Vento*.

> ou ficavam aleijados. Voltou a cabeça na direção dos Sete Povos, e seu olhar perdeu-se, vago sobre as coxilhas (VERISSIMO, 1999, p. 131).

No trecho acima, a principal paisagem corresponde aos campos dos Sete Povos. Estes, por sua vez, são o cenário das guerras missioneiras, que dividem o território do Rio Grande do Sul entre portugueses e espanhóis. Além dos campos, há as estâncias, sistema de organização social da época, que tinha patrão, capatazes, peões e invernadas, uma espécie de fazenda nos dias de hoje. Por fim, o narrador menciona ainda as coxilhas, paisagens típicas da planície rio-grandense, geralmente cobertas de pastagens e próprias para o desenvolvimento da pecuária.

Nessa mesma perspectiva histórica de Erico Verissimo, chegamos à literatura gaúcha contemporânea, onde também podemos encontrar exemplos de representações paisagísticas. Entre os autores da atualidade citamos Alcy Cheuiche, um ficcionista que escreve seus romances inspirados em fatos históricos. Na obra *Sepé Tiarajú: romance dos Sete Povos das Missões* (1975) o autor descreve as inúmeras paisagens percorridas pelo lendário índio guarani Sepé Tiarajú nos campos dos Sete Povos das Missões. Por outro lado, Em *Ana Sem Terra* (1990) as paisagens rio-grandenses de diferentes épocas do século XX são, em sua maioria, o cenário para os conflitos temáticos da reforma agrária, a imigração europeia (principalmente alemã e italiana) e a ditadura militar.

A seguir, apresenta-se uma análise detalhada das diferentes paisagens encontradas nas obras literárias *Ana Terra*, do escritor Erico Verissimo, e *Ana Sem Terra*, de Alcy Cheuiche, dois romances históricos que apresentam como pano de fundo os cenários do Rio Grande do Sul, dos séculos XVIII e XX, respectivamente.

As diferentes paisagens em *Ana Terra* e *Ana Sem Terra*

Em *Ana Terra*, Erico Verissimo apresenta um Rio Grande de muitas terras favoráveis à colonização. É, entretanto, um território inseguro e perigoso, marcado por inúmeros conflitos. A luta pela sobrevivência e a busca pela felicidade são constantes que perpassam as vidas da família Terra, principalmente a da filha mais nova, Ana,

a personagem central da narrativa. Aliados a esses desejos, contracenam conflitos, entre eles as guerras missioneiras dos Sete Povos das Missões e as invasões dos castelhanos, que saqueiam as casas e violentam as mulheres.

Por sua vez, em *Ana Sem Terra*, Alcy Cheuiche mostra um Rio Grande de estancieiros, latifundiários, que dominam imensas propriedades de terra no litoral gaúcho. Em contraste, há os pequenos colonos e os sem-terra, que lutam por justiça num país desigual. São quatro décadas da história do Brasil ao longo das quais transcorre a vida de uma família de imigrantes alemães, principalmente a da personagem Ana, a protagonista da narrativa. As profundas diferenças entre as camadas sociais, ganância, poder e disputas de terras são algumas das causas dos conflitos que se estabelecem entre os sem-terra, os latifundiários e o governo.

No contexto histórico-social em que estão inseridos cada um dos os romances, a paisagem não passou despercebida aos olhares de Verissimo e Cheuiche. Apresentam-se, nos romances, diferentes elementos paisagísticos que representam não apenas o pano de fundo ou o cenário da narrativa, mas também a identidade cultural de um povo e de uma região.

Paisagens naturais e culturais são encontrados nas duas narrativas e evidenciam traços característicos de diferentes regiões do estado do Rio Grande do Sul. Em *Ana Terra*, juntamente com os fatos históricos que se sucedem, essas paisagens ajudam a identificar a região das Missões como o palco das ações narrativas. Na transcrição abaixo percebe-se o quanto as paisagens naturais, ou seja, aquelas que não sofreram a ação do homem, já são portadoras de alguns indícios: "Ana Terra descia a coxilha no alto da qual ficava o rancho da estância, e dirigia-se para a sanga, equilibrando sobre a cabeça uma cesta cheia de roupa suja [...]" (VERISSIMO, 1999, p. 7).

Nesse pequeno fragmento, retirado logo do início da narrativa, há a presença da coxilha e da sanga como elementos reveladores da paisagem natural. A coxilha revela um cenário de planícies, com campos verdes e próprios para a criação do gado, e a sanga, por sua vez, um ambiente característico do interior, onde as pessoas se banhavam, pescavam e lavavam roupas.

A paisagem rural é predominante em toda a narrativa ficcional de Verissimo. Além da sanga e das coxilhas, outras representações aparecem alternadamente, como os campos, terra aberta, geada, rio Jacuí, mato, capão, campinas desertas, entre outras. Contudo, é a partir das paisagens culturais ou sociais, isto é, aquelas que sofreram a interferência do homem, que, de forma mais explícita, revelam-se os ambientes típicos do interior gaúcho e da região missioneira, esta última destacada na passagem abaixo:

> Aquele agrupamento de ranchos ficava à beira duma estrada antiga, por onde em outros tempos passavam os índios missioneiros que os jesuítas mandavam buscar erva-mate em Botucaraí. Por ali transitavam também, de raro em raro, pedindo pouso e comida, viajantes que vinham das bandas de São Martinho ou dos campos de baixo da serra (VERISSIMO, 1999, p. 113).

A presenças humana dos índios missioneiros e dos jesuítas assinala o território dos Sete Povos das Missões. Por isso, o cenário onde se passa a maioria das ações da família dos Terras é de medo e insegurança, devido aos diversos conflitos envolvendo os castelhanos. Além disso, o fato de poucas pessoas passarem pelo local revela um Rio Grande do Sul em colonização, cujo interior é, ainda, pouco povoado. São, também, indícios culturais do gaúcho do interior e da região missioneira as seguintes representações encontradas no decorrer da narrativa: galpão, ranchos, estâncias, lavoura, chimarrão, cabana, viajantes, etc.

Por outro lado, em *Ana Sem Terra*, ao contrário de *Ana Terra*, as paisagens naturais já conseguem revelar a região cultural onde está inserida a história. As referências mar, praia, terra arenosa assinalam a principal região onde acontecem as ações, o litoral gaúcho: "Silêncio quebrado por um longínquo rumor de trovoada. Um relâmpago pequeno do lado do mar. Cheiro de pasto maduro, queimado de seca. A única luz, amarela e fraca, vem do lampião da sala. No alpendre, os mosquitos continuam a zunir [...]" (CHEUICHE, 1998, p. 22).

O litoral gaúcho é o principal cenário da obra de Alcy Cheuiche, o palco onde tudo começou para a família dos Schneider e onde vive a pequena Ana. Entretanto, outros elementos se fazem

presentes no romance no decorrer dos capítulos, evidenciando outras paisagens, como o rio Guaíba, que remete à cidade de Porto Alegre, e a floresta amazônica, à região da Amazônia.

Além de ajudar a identificar diferentes lugares, as paisagens culturais, por sua vez, também contribuem na identificação de um povo ou de pessoas que vivem em determinado ambiente. Na transcrição abaixo, podemos perceber alguns contrastes sociais existentes em uma mesma região:

> A casa dos Schneider vista de fora. Uma caixa de madeira retangular sobre alicerces altos, pedra bruta. Porcos dormindo debaixo do assoalho. Paredes pintadas com óleo queimado. Telhado bicudo, com água-furtada. Telhas francesas desbotadas pelo sol. Um enorme sol de três horas da tarde. Chupando a selva das plantas. Rachando os pés dos colonos. Dando alegria aos veranistas de Torres e de todo o litoral. Seca braba. Desde setembro, nenhuma gota de chuva boa. Muita armação durante a noite. Muita esperança. Menos para o velho Schneider [...] (CHEUICHE, 1998, p. 15-16).

Nesse trecho, consegue-se visualizar dois diferentes tipos de paisagens existentes no litoral gaúcho: de um lado, os colonos sofrendo com a terrível seca que atingia a região na época, enquanto, de outro, os veranistas aproveitavam os sucessivos dias de sol e calor para irem se banhar nas praias.

Outra diferença perceptível, quanto às paisagens culturais, ocorre entre os colonos e os moradores das estâncias. Por meio da descrição da indumentária, o autor consegue construir a imagem do gaúcho que vive nesses lugares: "Vestia a indumentária completa de gaúcho, com a naturalidade de quem nasceu numa estância. Botas e bombachas pretas. Cinto largo de couro. Camisa branca, lenço vermelho e uma campeira curta, uruguaia de pura lã [...]" (CHEUICHE, 1998, p. 36).

Enquanto o colono, na sua lavoura, usa seu tradicional chapéu de palha, na estância, os proprietários e seus filhos vestem-se com a tradicional vestimenta gaúcha. Esse aspecto, aliado a outros, como a quantidade de terras, poder econômico, visibilidade diante à sociedade e ao governo, é mais uma característica que ajuda a revelar o contraste sócio-econômico existente na região.

Além dessas paisagens sociais da região gaúcha, as representações paisagísticas de Alcy Cheuiche, ao contrário de Erico Verissimo, em *Ana Terra*[4] , ultrapassam as fronteiras do Estado e de um Rio Grande até então de paisagem rural. Quando Ana Schneider foge, junto com sua irmã, para a Amazônia, saindo do Rio Grande do Sul à procura de terra, acontece um movimento migratório externo, entre Estados. Assim, a região norte do Brasil também se torna palco para as ações narrativas.

Nesse contexto, surgem as representações paisagísticas da Serra Pelada e de assentamentos dos sem-terra. A presença de elementos como carros, ruas, trânsito, cabaré, hotel, parque, presídio, igreja, entre outras referências, assinalam inúmeras paisagens urbanas que não se fazem presentes no no romance *Ana Terra*, deErico Verissimo,:

> O carro estava parado junto à sinaleira próxima ao Parque Farroupilha. A névoa começava a dissipar-se. Uma visão antiga passou pela mente de Rafael. O fogo crepitando na lareira. O cheiro do galpão. As vozes roucas dos peões. O gosto amargo do mate. E o velho Armando de pé junto à porta, as pernas abertas, admirando o tempo. (CHEUICHE, 1998, p. 164).

Apesar das diferenças, ambos os autores, dentro de seus respectivos contextos, o século XVIII em *Ana Terra* e o século XX em *Ana Sem Terra*, conseguem contemplar às paisagens nas suas mais diferentes dimensões e peculiaridades. Tanto a paisagem natural, quanto a social são portadoras de significados: além dos cenários, identificam um determinado povo, e a cultura de uma ou mais regiões do Rio Grande do Sul e do Brasil, no caso de Cheuiche.

Considerações finais

Nos romances *Ana Terra*, de Erico Verissimo, e *Ana Sem Terra*, do contemporâneo Alcy Cheuiche, percebemos o quanto

[4] Em *Ana Terra*, a Família dos Terra sai de São Paulo para vir povoar o Rio Grande do Sul no contexto da Guerra Guaranítica. No romance, a personagem Ana Terra deixa o lugar onde vivia com sua família, mas não sai do cenário gaúcho, ou seja, acontece um movimento migratório interno, no mesmo Estado.

paisagem continua influenciando escritores, mesmo pós-movimento regionalista. Suas representações seguem carregadas de significados que evidenciam aspectos regionais de um determinado lugar. Em *Ana Terra*, as paisagens das coxilhas e campos, ao lado dos acontecimentos históricos, evidenciam a região missioneira, enquanto em *Ana Sem Terra*, o mar, a praia e as grandes estâncias assinalam a região do litoral gaúcho, como palco das ações da narrativa.

Dessa forma, tantos as paisagens naturais quanto as culturais não mostram apenas cenários, mas delimitam divisões geográficas e, além disso, revelam identidades e peculiaridades de um determinado povo ou região.

Geopoetics in gaucho literature: a reading of the landscape in the novels Ana Terra and Ana Sem Terra

Abstract: This study aims at examining how the geographical concept of landscape is part of two fictional works: Erico Verissimo´s *Ana Terra* (1971) and Alcy Cheuiche´s *Ana Sem Terra* (1990). Analysis focuses on the observation of landscape representation by these *gaucho* writers, within the context of Geopoetics. Theoretical support is sought in authors such as Milton Santos and Regina Zilberman. Analysis leads to the conclusion that different kinds of landscape, natural and cultural, are present in the novels and are loaded with cultural meanings which carry evidence of a particular population and region.

Keywords: Landscape. Geopoetics. *Ana Terra*. *Ana Sem Terra*.

Referências

CASTRO, Demian Garcia. *Significados do conceito de paisagem*: um debate através da epistemologia da geografia. Disponível em: <http://www.pucsp.br/~diamantino/PAISAGEM.htm>. Acesso em: 23 fev. 2011.

CHEUICHE, Alcy. *Ana Sem Terra*. 7. ed. Porto Alegre: Sulina, 1998.

LIHTNOV, Dione Dutra; BARROS, Lânderson Antória; GONÇALVES, Sidney Viera. Análise da percepção da paisagem na região do bairro Porto na cidade de Pelotas e as transformações recentes produzida pela requalificação urbana. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 16. Crise, práxis e autonomia: espaços de resistências e de esperanças. 2010, Porto Alegre. *Anais*... Porto Alegre: AGB, 2010. Disponível em: <http://www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=3527>. Acesso em: 25 fev. 2011.

LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e lendas do sul*. Porto Alegre: Globo, 1981.

MASCHIO, Alcione Moraes Jacques. *A paisagem em Darcy Azambuja*: outras dimensões. 2008, 93f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2008.

POZZO, Renata Rogowski; VIDAL, Leandro Moraes. O conceito geográfico de paisagem e as representações sobre a Ilha de Santa Catarina feitas por viajantes dos séculos XVIII e XIX. *Revista Discente Expressões Geográficas.* Florianópolis, v. 06, n. 06, 2010, p. 111-131. Disponível em: <http://www.geograficas.cfh.ufsc.br/arquivo/ed06/ed06_art06.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2011.

SCHLEE, Mônica Bahia et al. Sistema de espaços livres nas cidades brasileiras: um debate conceitual. *Paisagem ambiente*, São Paulo, n. 26, 2009. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010460982009000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 fev. 2011.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SOUZA, Ronaldes de Melo. *A geopoética de Euclides da Cunha*. Disponível em: <http://www.casaeuclidiana.org.br/texto/ler.php?id=711&secao=111>. Acesso em: 23 fev. 2011.

VERISSIMO, Erico. *Ana Terra*. 50. ed. São Paulo: Globo, 1999.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.